

ISBN-13: 978-987-27772-2-5

Título: Actas del I Encuentro Latinoamericano de Investigadores sobre Cuerpos y Corporalidades en las Culturas

Editorial: Investigaciones en Artes Escénicas y Performáticas

Edición: 1a Ed.

Fecha publicación: 8/2012



Esta obra está bajo una [Licencia Creative Commons Atribución-CompartirIgual 3.0 Unported](https://creativecommons.org/licenses/by-sa/3.0/).

Machado Bezerra, Danieli

Grupo de trabalho nº 9

Corporalidad, gênero y sexualidad

Oral

O corpo é meu e dou a quem eu quero

Este trabalho se detém sobre material produzido durante os meses de setembro de 2007 a janeiro de 2008, a partir de observação etnográfica em dois cabarés existentes na cidade do Natal-RN, Brasil. Há a permanência de prostitutas que se autoneameiam entendidas (expressão em português do Brasil que define mulheres lésbicas). Foram realizadas um conjunto de entrevistas ao longo desse período. O método empregado foi a associação livre das ideias e depois analisadas as falas das mulheres em questão. Decidi entrevistar cinco mulheres que moravam nos cabarés. Apenas uma delas voltava para casa aos domingos para deixar “o dinheiro apurado”.

A frase que intitula esse artigo foi pronunciada por uma prostituta que se incomodava com a minha presença na ocasião de minhas primeiras entrevistas no cabaré da Rosa Cabarcas (nome fictício de uma das administradoras do cabaré, homenagem aqui uma prostituta presente no livro: *Memórias de minhas putas tristes* do Gabriel García Márquez). Quando eu chegava ao local, ela sempre me olhava desconfiada. E, frequentemente, questionava as mulheres informantes sobre quem eu era, o que estava fazendo ali e que tipo de pesquisa era essa que eu estava desenvolvendo. Mostrava-se curiosa para saber quem eu era todas as vezes que ela aparecia no cabaré<sup>1</sup>. Em uma das minhas visitas, ela estando lá na Casa do Eros, começou a gritar se dirigindo em minha direção, dizendo que puta era daquele jeito mesmo e que “o corpo é meu e dou a quem eu quero”. Percebi naquele exato momento que falar sobre corpo entre as prostitutas tratava-se de uma questão importante, porque é com o corpo que elas se mantinham na vida.

---

1

□ Esta mulher frequenta os vários cabarés que fazem parte do bairro onde fiz o trabalho de campo. Ela faz programas, mas não mora em nenhum deles, apenas fica perambulando pelos mesmos para ver o movimento comercial e permanece onde para ela é mais oportuno ficar e ganhar algum dinheiro.

Estavam “na vida”, cuja conotação pode ser interpretada de diversas formas. Desde uma questão sobre o estar “na vida”, pois esse termo elas utilizam quando se referem ao fazer o programa, ou seja, ter relação sexual (penetração) para obter dinheiro, ou estar “na vida” como sendo uma forma de se manterem vivas.

Comecei a me questionar sobre o papel que o corpo tem na vida dessas mulheres e percebi que há importância que devemos ter quando o assunto é prostituição, porque o corpo aparece hoje em nossa cultura dando sentido às relações afetivas e sociais. O corpo, na sociedade contemporânea, pode definir quem somos e o que fazemos. O corpo passa por um processo de transformações através do qual os seres humanos, como forma de adequação a essa demanda da contemporaneidade, procura delinear seus corpos, frente a uma lógica de mercado que aceita corpos que usufruem vitaminas ou ficam obsecados malhando em academias de ginástica para dá contornos aos músculos, definindo-os.

Há outras variantes de corpos que não obedecem a essa lógica mercadológica. São os corpos que, contrariamente a essa lógica comercial, não ligam para o corpo que malha, que se cuida exageradamente ou que se transplanta. Estamos falando de corpos que vão se acabando dentro de um sistema contrário a esses cuidados, tais como os corpos das prostitutas que passam noites de sono acordadas, mantendo-se de pé através de bebidas e drogas. Ressalte-se que é muito comum, no caso do universo pesquisado em Natal, elas serem usuárias de *crack*, maconha e outras drogas vendidas (ilícitas ou lícitas).

A modernidade e suas estratégias paradoxais de consumo e controle também se inscrevem na lógica do corpo. Há aqueles que se cuidam e desejam que o corpo fique sempre com aparência de juventude e, portanto, além dos limites que a idade possa lhe permitir ter determinado aspecto. Por outro lado, há aqueles que não cuidam do corpo porque usam drogas capazes de envelhecer o corpo precocemente, quer sejam usando “drogas” das mais variadas possíveis, ou passando dias e noites perdidas sem descansar o corpo tal como acontece nas festas *rave*<sup>2</sup> e academias de ginástica.

---

2

□ Um tipo de festa que hoje muitos jovens frequentam e ficam em torno de dois dias seguidos, dançando ao som de uma música de estilo eletrônica, além de usarem drogas, tais como o *ecstasy*, que os estimulam para a dança, provocando alucinação.

A forma como nós cuidamos de nosso corpo revela elementos subjetivos de aspectos de sua personalidade. Portanto, a prática da prostituição se revela na corporeidade das mulheres e, desse modo, ao analisarmos as suas relações com os mesmos, podemos compreender aspectos importantes das construções identitárias das prostitutas. Isso aparece na forma como elas cuidam do corpo, desde o vestir-se, o assear-se e de como se dirigem aos clientes, pois utilizam linguagens corporais, definindo estratégias de sedução em relação aos seus clientes, isto é, utilizam uma linguagem peculiar à prostituição. Ressalve-se o fato de que o meio em que vivem é repleto de símbolos e signos que, traduzidos, nos dão sinais de que fazem parte do universo da prostituição.

Portanto, o universo estudado está repleto de regras sociais, com as quais os corpos se revestem de símbolos, determinando-as. Isso pode ser definido através de seu vestir, de sua abordagem ao cliente, de seus gestos ao falar. Entretanto, essas caracterizações não se enquadram a todo tipo de prostituição. Sabemos que há vários tipos de prostituição e, no universo pesquisado, temos signos e símbolos que definem o estilo de prostituição que estamos analisando.

Em se tratando das minhas informantes, percebi um universo com significados complexos acerca da realidade identitária em que elas estão inseridas. Na ocasião em que presenciei a fala da prostituta mencionada no início deste tópico, eu estava entrevistando Mariana. Neste momento, percebi a importância de tal fato para conversar com as minhas informantes sobre o que seria corpo para elas. Como elas viam seus corpos? Como elas cuidavam de seus corpos? A partir desses questionamentos, obtive um avanço na pesquisa sobre o que as mulheres estavam oferecendo como material para análise, considerando um ponto fundamental existente na realidade em que elas estão inseridas. Vejamos os trechos abaixo, retirados das entrevistas com Jaqueline e Carol, respectivamente:

O meu corpo é algo que eu não domino. De repente posso estar lá com o cliente e posso gostar de ficar lá no quarto com ele. Ele pode querer fazer algumas coisas que eu não posso permitir, mas pode acontecer de eu sentir vontade. Eu posso não gostar de querer ir logo com ele fazer o quarto, mas, depois que eu tiver lá

dentro, posso até gostar. Vai depender do cara, né? E depende de meu corpo também.

Minha irmã, sei não, viu? Eu não gosto de homem não, viu? Tá difícil eu gostar desse “negoço” que se chama homem, mas eu gosto de trepar com os coroa. Eles são até carinhosos, não são como os “boy” que só querem meter o pau. Posso até gozar com alguns desses coroas que eu escolho trepar, até porque comigo é assim, eu escolho, tá ligada? Não é com qualquer um que eu vou querer fazer programa. E pode de eu gostar de trepar com os doidinho (coroa) e gozar, mas é só isso.

Nesse sentido, as informantes mostram um interesse pelo corpo masculino, na medida em que esse corpo pode lhes proporcionar prazer a partir de algo que está para além de seus desejos. A primeira informante permite-se a uma entrega de seu corpo a algum cliente que possa lhe dar prazer; e a segunda, mesmo dizendo com bastante convicção que não gosta de homens, diz que, escolhendo o cliente, este pode lhe proporcionar prazer durante o ato de penetração. Quando ouvi essas informantes, fiquei me questionando acerca de suas sexualidades: como compatibilizar essas considerações com o fato de se afirmarem como entendidas? Esse tipo de indagação foi me levando para uma discussão sobre a questão da bissexualidade e que não será abordada nesse artigo. Percebi que a temática do corpo estava me trazendo questões muito difíceis de serem respondidas. Por outro lado, discutir sobre a sexualidade daquelas mulheres me possibilitava compreender o significado do corpo na prostituição. Saliente-se ainda que a prática sexual na contemporaneidade está profundamente relacionada com a identidade. E abordá-las é importante, porque ambas têm uma história pouco conhecida. Questionamos: o que é o corpo que se tem e como a nossa sociedade compreendeu as identidades até chegarmos à corporificação?

Diante desta discussão acerca da identidade das mulheres prostitutas/entendidas, compreendemos a importância do estudo sobre a corporeidade, porque esta nos

possibilita um diálogo com o que os teóricos contemporâneos pensam sobre o corpo, definindo concepções acerca da subjetividade.

Quem constroi para o corpo a noção de identidade, a noção de sujeito, é a noção da presença do outro (a princípio representado pela mãe, depois o pai, familiares, grupo social, religioso, a cultura). Assim, o corpo na sua máxima individualidade reflete a identidade que viu nascer na entrelinha do discurso do outro, no reflexo microscópico que o olho do outro proporciona. A formação da identidade reflete a introjeção do outro como máscara que foi apropriada. (BENEDETTI; 2005, p. 52).

Quando ouvi as falas das duas informantes acima, compreendi que as duas podiam sentir prazer sexual com ambos os sexos, tanto com homens e quanto com mulheres. Essa questão acerca da prostituta/entendida é algo que não pode ser analisado em uma perspectiva apenas de um ponto de vista monolítico. Ser prostituta/entendida não isenta as mulheres prostitutas de obter prazer com os homens. Quando Jaqueline nos fala de que “de repente” pode ter prazer com algum cliente é porque, nesse momento, de algum modo, perpassa a questão da escolha. Ela mesma diz: “Só trepo com os coroas”. Essa escolha e esse depender do cara e do seu corpo também me trazem a questão da identidade descrita acima. Compreendo que nessa relação da mulher prostituta/entendida com seu cliente: Ninguém está isento de si mesmo e só podemos ver o outro através dos nossos olhos e dentro de nossa perspectiva. Vemos o mundo com nossa perspectiva. Isto é irremediável (GAIARSA, 1984, p.38).

A Teoria *Queer* (BUTLER, 2005; LOURO, 2001; MISKOLCI, 2005) desnaturalizou as identidades e os corpos. Assim, abriu espaço para a constituição de um novo paradigma teórico de compreensão das identidades. Esse novo paradigma só foi possível por romper o binarismo natureza/cultura, ou seja, por refutar uma base biológica neutra (ou natural) sobre a qual se construiriam as identidades.

As identidades não são construídas sobre os corpos como se esses tivessem em si algo de anterior ao social. Ao contrário, as identidades se constroem através dos corpos,

elas são matéria palpável com limites claramente definidos que gera a impressão de fixidez, constância e permitem, assim, que as convenções identitárias socialmente construídas adquiram “naturalidade”. A constatação de que não apenas as identidades, mas os próprios corpos são construções sociais tem consequências que mal começamos a encarar. A exemplo disso, temos:

Las prostitutas se producen para una actuación, para representar un papel. Existe una búsqueda deliberada de erotización, y para ello utiliza una serie de elementos que coinciden con los utilizados en el arte y en la publicidad que procura mensajes con contenidos eróticos. (PEREZ; 2000, p.155).

Em relação ao “trabalho” da prostituta, será que o comentário descrito tem veracidade? Podemos concordar com o pensamento do autor citado?

Em se tratando da produção das prostitutas que desempenham um papel representando erotismo, buscando elementos utilizados na arte e pela publicidade que enfocam mensagens e conteúdos eróticos, percebo que não é assim que as coisas funcionam em relação as minhas informantes. Com elas, há uma produção do ponto de vista da indumentária, dos adornos que elas utilizam na noite para chamar a atenção de seus clientes. Em outro sentido, o corpo surge como algo que pode ser captado para vender produtos através de mensagens publicitárias, como é o caso das inúmeras imagens de mulheres que aparecem em propagandas, tais como a imagem da loura gelada que vem dentro da garrafa de cerveja.

As mulheres sempre aparecem com seus corpos impecáveis para que os consumidores homens possam desejá-las ou bebê-las em suas imaginações variadas. E assim a mídia vende seus produtos, utilizando corpos femininos como idealizações dos desejos masculinos. A exemplo disso temos as propagandas publicitárias de cervejas. A mesma coisa acontece com a prostituta, o único detalhe é que ela vende seu corpo. Para

isso acontecer, ela utiliza uma linguagem própria desde o seu vestir, o seu andar, a sua forma de agir com seus clientes e, inclusive, o cuidar de si.

Todos esses cuidados revelam conteúdos eróticos que possuem uma linguagem própria e definem a mulher dos cabarés. As prostitutas presentes no campo investigado têm códigos próprios que a definem como tal para que os clientes possam identificá-las. Podemos caminhar pelas ruas e não perceber que as mulheres que passam por nós pelas ruas, possam ser prostitutas ou não. Nossa identificação neste trabalho, ao apontar algumas questões acerca do vestir e do cuidar do corpo, trata-se apenas de analisar esses pontos em relação à prostituta que mora nos cabarés e, ou passa um tempo convivendo em cabarés.

A estratégia *queer* evidencia as fissuras internas ao hegemônico para criticar a materialização diferenciada do humano, a produção social do objeto, dos corpos-identidades que até pouco eram classificadas como anormais, degenerados ou desviantes. A nova política precisa encarar o objeto evidenciar os processos que o criam e mantém como oposto necessário para a existência do hegemônico, como ameaça que o constitui.

Diante desse novo paradigma de compreensão das identidades-corpos, emerge a necessidade de uma visão política em que a diferença seja vista como parte dos sujeitos, ao invés de algo que lhes é exterior, oposto ou ameaçador.

Devemos estar atentos para as estratégias coletivas e individuais que buscam superar o medo das identidades socialmente estigmatizadas, tais como as prostitutas, e encaram o desafio de incorporá-las, com o intuito não de assimilá-las, antes como meio de colocar em xeque a suposta coerência das identidades hegemônicas. Temos que ter em mente, acerca das identidades estereotipadas, que elas estão no cotidiano ganhando força no que diz respeito às formações de construções identitárias capazes de nos mostrar realidades sociais vividas dentro de regras próprias e complexas, contidas em um microuniverso subjacente a um macrouniverso, tendo como sustentação de sua realidade a afirmação de leis hegemônicas, tais como os sistemas totalitários, o machismo, o feminismo, com suas prescrições se configurando em determinismos difíceis de terem seus estigmas modificados e reescritos na cultura como possibilidades de mudanças a partir do que acreditamos e construímos em nossa realidade cotidiana, enquanto pesquisadores das subjetividades e, portanto, da identidade.

Bourdieu (1994, p. 53) em *Esboço de uma teoria da prática*, entende que cada classe social encara sua corporeidade como sendo um aspecto fundamental do *habitus* a partir de uma análise do reflexo de condições sociais nas práticas culturais que referenciam classificações e hierarquizações. Para ele, o corpo na cultura é portador e produtor de signos socialmente percebidos; entretanto, a manipulação desses signos e dos esquemas montados para sua percepção faz parte das estratégias de posicionamento dos diferentes grupos que compõem o espaço social. As abordagens pós-modernas colocam a pessoa, o corpo, a subjetividade e a identidade no centro das agendas de investigação. Bourdieu ultrapassa a dualidade corpo-mente e signo e significado.

Embora tenha ocorrido sem dúvida uma mudança das representações corporais e do próprio valor do corpo, tanto por parte das classes dirigentes como das populares, é importante questionar a representação do corpo e as diferentes maneiras de se vivenciar o corpo dentro de uma perspectiva das negociações de poder e subalternidade entre mulheres informantes de nossa pesquisa.

Gollner (GOLLNER *apud* LOURO, 1998), tendo como referência os estudos culturais e a história do corpo, defende que a linguagem constrói o corpo, sendo este compreendido não apenas pelo organismo, como também pelos adereços e gestos que o formatam.

Diante da cena contemporânea de cuidados sobre o corpo, a partir da realidade que estudei, percebi que as prostitutas não possuem um cuidado com o corpo. Os corpos são investidos de adornos e há a marcante presença de um não-zelo pelo mesmo, porque as mulheres informantes aparecem em seu cotidiano, quer estejam “fazendo salão” e quer estejam em uma rotina diária na qual não há clientes, entre o período da manhã até as quatorze horas da tarde. Amanda e Jaqueline, estando sem calcinhas na ocasião supracitada, permitiu-me notar que se tratava de ser a mesma roupa com a qual elas dormiam, vestiam-se diariamente e ficavam no “salão” durante a noite para receberem os clientes. Quando afirmo que não há um cuidar do corpo, é nesse sentido que estou observando as mulheres de minha realidade estudada. Elas não têm uma preocupação em se mostrarem asseadas diante dos clientes que as procuram. O ambiente no qual os cabarés existem possui um aspecto de insalubridade, alguns clientes que eu vi também possuem marcas insalubres. Em uma ocasião de minha visita ao Reduto de Afrodite, vi

que um dos clientes chegava com as duas pernas cheias de barro que ia até os joelhos; curiosamente, aquele cliente me chamou atenção para esse fato. Eu estava perto de Micarla que ia fazer o programa com esse cliente e assim ela me respondeu:

**Danieli:** Como é isso? O rapaz está com as duas pernas repletas de barro e você vai ter relação sexual com ele? **Micarla:** Não vejo problema com isso. A gente dá um pedaço de sabão de coco pra ele e ele se lava. A gente se insinua e o cara tem que tomar banho. Já peguei cada um, é isso que me faz ter nojo de homem. Tem cada um que vem aqui! Tem homem que fede muito a azedo, fede muito mesmo, e fazer o quê, né? É meu trabalho. Eu me acostumei, mas tem uns que não dá mesmo, aí a gente finge e faz ele gozar logo porque o que vale é o dinheiro no final.

Nesta discussão, a partir da análise que fazemos com os dados obtidos em nossas entrevistas, questionamos esse cuidado com o corpo que não existe, pois muitos clientes que as procuram também não dão importância para o tal fato; muitas vezes, procuram as mulheres para transar apenas. Como é o caso do cliente de Micarla.

Na situação de Mariana, que estava vestida com seu mini-short, com maquiagens e tinha cheiro de perfume, avalei como um momento diferente diante do universo estudado. Jaqueline surgia sempre asseada, com roupas limpas e curtas. Ela se preocupava em se manter com boa aparência cotidianamente. Tinha quinze clientes, que podiam procurá-la todos os dias; dessa forma, compreendo sua preocupação em se manter sempre com boa aparência.

Outra questão importante diz respeito ao lugar que o corpo dessas prostitutas ocupa, haja visto que há uma relação com a venda de seu corpo através de relações sexuais com homens e com mulheres e também com o corpo delas.

As prostitutas não estão fora de uma ordem padronizada de uma estética. Elas têm um corpo que é idealizado pela cultura de consumo e que é, de várias maneiras, excludente. Isso porque é através da ameaça de exclusão resultante da inadequação aos

padrões corporais que os indivíduos são constrangidos a estarem constantemente agindo através do consumo no aperfeiçoamento e manutenção de seus corpos.

Como é o cuidar que as mulheres prostitutas têm com seus corpos na sociedade em que se encontram? Diante dessa condição, como perceber qual a relação que as mulheres prostitutas têm com seus corpos?

Nosso corpo não é uma entidade natural: o corpo é uma dimensão produzida pelos imperativos/efeitos da cultura (BENEDETTI, 2005, p.48).

[...] E se acatarmos o pressuposto de que o corpo também ele é feito de um trabalho de elaboração cultural, ou seja, se considerarmos que a própria percepção, as próprias sensações físicas, os próprios sentimentos são efeitos da cultura, nós podemos chegar à conclusão de que é necessário fazer estudos detalhados de como o corpo é percebido, em cada segmento cultural. A idéia fundamental que temos em Antropologia é que na verdade esta percepção do corpo está associada à própria concepção de pessoa, que um determinado grupo social ou uma determinada cultura produz (BENEDETTI, 2005, p.45).

## O QUE É QUE TEM DE EU MOSTRAR A...?

Essa frase foi dita por Amanda quando em uma visita à Casa do Eros; estavam na entrada do bar Amanda e Jaqueline. Ambas estavam se deslocando para passar por baixo de uma porta<sup>3</sup> que estava semiaberta e, na ocasião, eu me aproximava delas para dar boa tarde como uma forma de “quebrar o gelo” naquela que era mais uma tarde que se iniciava dentre tantas idas minhas a campo. Quando essas duas informantes se direcionaram para a tal porta supracitada, ao passar a pernas por um degrau, o abrir de pernas permitiu-me observar que ambas estavam sem calcinhas. Nesse momento, a rua

---

3

□ Esse tipo de porta é daquelas que há em algumas cigareiras.

onde é endereçado o cabaré é bastante movimentada com transeuntes mais diversos. Indaguei-lhes o porquê e estarem ali sem calcinhas e de pernas abertas, permitindo que os transeuntes vissem suas partes genitais. Amanda olha para mim sorrindo e diz: o que é que tem de eu mostrar a (...)?<sup>4</sup> Aquela cena para mim foi interessante, porque percebi que as mulheres, pelos menos aquelas duas, não tinham se importado com a minha observação e seguiram adiante porta adentro. Em seu retorno, perguntei-lhes se elas costumavam não usar peças íntimas no cotidiano. A resposta foi negativa e mostravam-se com um aspecto de mulheres sujas, exalando um mal cheiro não agradável para mim. Fiquei me questionando sobre esse cuidar do corpo. Nesta mesma tarde, trinta minutos depois do ocorrido citado, Jaqueline é abordada por um cliente para “fazer o quarto”. Do jeito que ela estava, entrou no quarto, sem calcinha e suada e com um odor não agradável para quem chegasse perto. O cuidado de si, com o corpo com que se ganha dinheiro, de acordo com a realidade daquelas mulheres, dá-se em um horário específico em que elas podem tomar banho e trocar as roupas. Acontece por volta das dezessete horas.

O corpo humano produz linguagens através do nu, das roupas mais diversas, da língua falada, dos gestos, da máscara da profissão; determinados utensílios inerentes a cada profissional definem socialmente, através de símbolos, os profissionais que os utilizam, porque, segundo Hall:

As roupas e os ornamentos corporais são marcas fundamentais do código hiperlinguístico no homem como um ser de cultura. Revestir o corpo de uma segunda pele (a pele da cultura) é fator essencial para todas as culturas conhecidas: seja esta segunda pele em forma de roupas (o mais universal nos dias de hoje), seja em forma de adornos ou proteção com penas de aves, ossos e peles de animais, resina colorida de plantas, seja em forma de posturas hierárquicas familiares e sociais. (HALL; 2007, p.83-84).

---

4

□ Nesse momento ela fala uma palavra chula que representa o órgão genital feminino.

Quer seja através do modo como elas se vestem, pois é no seu vestir que elas demonstram suas aparências, ou seja, o trabalho que elas exercem. Mas isso não quer dizer que ser prostituta é ter um estereótipo que as definem; porém, em se tratando das informantes, elas surgem no seu vestir com uma indumentária peculiar para a execução de seu trabalho em algum momento específico do cabaré, a partir das dezoito horas da tarde, quando os clientes começam a procurá-las.

Em se tratando de mulheres prostitutas de nosso campo de pesquisa, concordamos com a idéia de alguns momentos existirem um simulacro, pois há jogos de sedução com seus clientes, isso é perceptível no seu modo de vestir, através de minissaias, vestidos curtos que mostram as nádegas, os seios que são postos à mostra, assim também as cores fortes dos batons que elas utilizam, o perfume com cheiro forte:

A função do vestuário e da sua decoração reporta-se a múltiplos aspectos da organização social. Tal como entre os pássaros, assegura simultaneamente a distinção da “espécie étnica” e a dos sexos. A identificação simultânea determina o registro no qual se inscrevem as relações (LÉROI-GOURHAN, 1987, p.163).

Disse-me Mariana: “Ai meu deus! Vou ter que fazer o quarto! Essa é a pior hora”, que, na ocasião, usava um minishort mostrando suas pernas e uma miniblusa que mostrava o formato de seus seios com muita nitidez. Foi abordada por um cliente e ela falava comigo, olhou franzindo a testa e olhava para o cliente com uma expressão que, para mim, ficava claro, que ela sentia asco. Depois do “fazer o quarto”, o cliente sai sorridente do quarto. Enquanto Mariana sai com uma toalha na mão e com cabelos molhados e vem em minha direção dizendo:

“Me dá um nojo! Eu não gosto de penetração. Eu só penso em minha mulher que tá lá em casa, cuidando do meu filho. Só penso nela. Eu amo ela.

Ainda na mesma ocasião supracitada acima, Mariana não aparece apenas com suas roupas curtas, há também uma maquiagem e perfume que sinaliza para os clientes uma sedução e que a expressão de seus tons escuros na face e roupas é uma produção de um simulacro:

Todo es apariência, todo es simulacro; no correspondido por el cuerpo físico. (...) Converte com el maquillaje y el teatro como ostentación ritual y paródica de um sexo cujo goce próprio está ausente (BAUDRILLARD *apud* PEREZ,2000, p.20).

Ainda segundo Baudrillard, a feminilidade não é mais do que os signos que os homens o atribuem. Entretanto, a partir do que foi dito anteriormente por Jaqueline e Carol, esse simulacro também sofre limitações do ponto de vista daquilo que possamos definir como simulacro, porque ambas disseram “gostar” e até podem chegar a obter “prazer” com alguns de seus clientes. A roupa tem o caráter de agente de comunicação pragmática no grupo social, tendo aqui aspecto de signo linguístico (BAUDRILLARD ,1989)

A identidade feminina da mulher prostituta foi socialmente construída por meio do que ela não deveria se conformar a uma posição coadjuvante no casamento, na família e dedicar-se ao marido e aos filhos. A sexualidade monogâmica, heterossexual e reprodutiva definia também o que se esperava do homem. Inclusive possibilitando, culturalmente, que ele tenha várias mulheres e frequentasse cabarés. E a mulher dos cabarés passa a exercer uma função que sustenta para o homem aquilo que ele não pode ter dentro de casa, em seu lar. Essa é uma das visões que se tem sobre o papel da prostituta em nossa sociedade. Isso aparece como uma idéia limitada e restrita acerca da mulher prostituta.

#### BIBLIOGRAFIA:

BARBOZA, Isabel Gamboa. Sociabilidad e identidad en el campo sexual en Costa Rica. Nómadas: **Revista Crítica de Ciencias Sociales y Jurídicas**. Madrid, v.18. n. 2, 2008.

BAUDRILLARD, Jean. **A sociedade de consumo**. Lisboa: Edições 70, 1995, p.213.

BENEDETTI, Marcos. **Toda feita**: o corpo e o gênero das travestis. Rio de Janeiro: Garamond, 2005.

BENTO, Berenice. **A reinvenção do corpo**: sexualidade e gênero na experiência transexual. Rio de Janeiro: Garamond, 2006.

BERUTI, Eliane Borges. Drag Kings: brincando com os gêneros. **Revista Gênero**, Niterói, v.4, n.1, p.55-63, 2003.

BOLTANSKI, Luc. **As classes sociais e o corpo**. Rio de Janeiro: Graal, 1979.

BONETTI, Alinne de Lima. Não basta ser mulher, tem que ter coragem: uma etnografia sobre gênero, poder, ativismo feminino popular e o campo. 2007. f. Tese (Doutorado) - Curso de Ciências Sociais, Departamento de Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Unicamp, Campinas, 2007.

BRITO, Fabiana Dultra. Corpo e ambiente: co-determinações em processo. Disponível em <<http://www.cult.ufba.br/enecult2008/14401-04.pdf>>. Acesso em 4 nov. 2007.

BUTLER, Judith. **Cuerpos que importan**: sobre los limites materiales y discursivos del “sexo”. Buenos Aires: Paidós, 2002. p.313-339.

CAETANO, Márcio Rodrigo Vale. Os gestos do silêncio para esconder as diferenças. 2005. f. Dissertação (Mestrado) - Curso de Ciências, Departamento de Faculdade de Ciências Sociais, UFF, Niterói, 2005.

CASTELLS, Manuel. **O poder da identidade**. São Paulo: Paz e Terra, 1999.

DUARTE, Luiz Fernando Dias. O império dos sentidos: sensualidade e sexualidade na cultura ocidental moderna. In: HEILBORN, Maria Luiza. Sexualidade: o olhar das Ciências Sociais. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editora, 1999. p.-.

FRY, Peter. **Para inglês ver: identidade e política na cultura brasileira**. Rio de Janeiro: Zahar, 1982.

GAGNON, Jonh H. **Interpretação do desejo: ensaios sobre o estudo da sexualidade**. Rio de Janeiro: Garamond, 2006.

GARCIA, Wilton. O corpo contemporâneo: a imagem do metrossexual no Brasil. Revista Virtual de Humanidades, Porto Alegre, v. 8, n. 17, p.101-126, jul. 2004.

HALL, Stuart. **A identidade cultural na pós-modernidade**. Rio de Janeiro: DP&A, 2007.

MEINERZ, Nádia Elisa. Um olhar sexual na investigação etnográfica: notas sobre trabalho de campo e sexualidade. In: BONETTI, Alinne de Lima; FLEISCHER, Soraya (Org.). **Entre saias justas e jogos de cintura**. Florianópolis: EDUNISC, 2007, p.-.

MISKOLCI, Richard. *Corpos elétricos: do assujeitamento à estética da existência*. Revista **Estudos Feministas**, Florianópolis, v.14, n. 3, p.272, dez. 2006.

PEREZ, Juan Carlos el Gauli. **Cuerpo en venta**. São Paulo: Livraria Cultura, 2000.

RUIZ, José Luiz Solana. **Cuestionando estereótipos sobre lãs mujeres prostitutas**. Disponível em: <[http://www.ugr.es/~pwlac/G18\\_08JoseLuis\\_Solana\\_Ruiz.html](http://www.ugr.es/~pwlac/G18_08JoseLuis_Solana_Ruiz.html)>. Acesso em: 14 nov. 2007.

